

Biblioteca Vida e Missão

Pastorais

Nº 01 – Carta Pastoral sobre Batismo

Metodismo

Nº 01 – As marcas básicas da identidade metodista

Documentos

Nº 01 – Plano para a vida e a missão da Igreja

Nº 02 – Eleições 1994

Celebrações

Nº 01 – Natal, cantos e contos

Ministérios

Nº 01 – Os Juvenis

Nº 02 – AIDS: Desafio pastoral e solidariedade

Nº 03 – Estive preso e fostes ver-me (Manual prático para o ministério cristão carcerário)

BIBLIOTECA
VIDA E MISSÃO

BÍBLIA
METODISMO
DOCUMENTO
CELEBRAÇÕES
MINISTÉRIOS
PASTORAIS

Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre Batismo

400

IGREJA METODISTA
COLÉGIO EPISCOPAL

Carta Pastoral do
Colégio Episcopal sobre

Batismo

Pastorais - nº 01

1996

Carta Pastoral do
Colégio Episcopal sobre Batismo

Biblioteca Vida e Missão

Pastorais – Nº 01

Bispos:

Adriel de Souza Maia – Presidente

Paulo Tarso de O. Lockmann – Vice-presidente

Geoval Jacinto da Silva – Secretário

Paulo Ayres Mattos

Richard dos Santos Canfield

Stanley da Silva Moraes

João Alves de Oliveira Filho

Rozalino Domingos

Coordenação Editorial: Bispo Nelson Campos Leite

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Luiz Carlos Ramos

Impressão e acabamento: Copas Graf Gráfica e Editora LTDA

Pedidos e vendas à:

Imprensa Metodista

Av. da Liberdade, 655

Liberdade

01503-010 São Paulo, SP

Telefone: (011) 278-6388

Introdução: O momento da Igreja	05
Nova visão bíblica e teológica	09
Sobre a prática do batismo na Bíblia	11
Sobre o batismo de crianças	15
Sobre a forma do Batismo	19
O Metodismo e sua Prática à Luz da Tradição da Reforma	23
Conclusão: A Responsabilidade dos Pais e da Igreja para com as Crianças	27

Apresentação

Temos em nossas mãos a Carta Pastoral sobre o Batismo Bíblico e o Batismo Infantil como uma forma de orientação para a Igreja Metodista.

Esta carta pastoral é uma pauta que deverá ser lida, estudada e refletida por todo povo metodista, em nosso país, vivenciando-a, na dinâmica da prática batismal, como uma verdadeira marca de nosso compromisso com a missão divina.

O Colégio Episcopal, no pleno exercício de sua competência, e em nome do Deus Trino, tenciona abrir espaços para harmonização e unidade da prática pastoral às igrejas metodistas é a necessidade de focalizar a importância do Batismo no contexto da fé evangélica.

A linguagem desta mensagem pastoral é simples, compreensível e, outrossim, fundamenta-se no texto da Palavra de Deus, que é de suma importância, bem como na tradição histórica do metodismo e da Reforma.

Uma acolhida sincera a este documento constitui um elemento que abrirá mais espaços para unida-

de e comunhão nos arraiais de nossa igreja. Este documento foi elaborado em nome de Deus, em clima de oração e movido pela urgência de nosso compromisso missionário.

Que Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, ilumine o povo metodista e de nosso país, em todas as suas formas e práticas ministeriais.

*Colégio Episcopal
da Igreja Metodista*

Introdução: O Momento da Igreja

A presente Carta Pastoral busca analisar e aprofundar orientações já dadas pelo Colégio Episcopal à Igreja Metodista no Brasil.

Nossa necessidade de refletir sobre o assunto deve-se a que, na dinâmica da vida e missão da Igreja, novas práticas têm surgido quanto ao Batismo. Algumas inovações entendemos como válidas e fruto do soprar do Espírito Santo na vida da Igreja, outras consideramos radicalismo e vanguardismo que carecem de base bíblica. Estas, ao invés de serem práticas renovadoras surgidas na dinâmica da própria comunidade são, na verdade, cópia de outros grupos, quando não imposição de algum líder menos consciente de seu papel e autoridade.

O Batismo substituiu, na nova aliança em Cristo, o sinal de pacto com Deus que a circuncisão representou no Antigo Testamento: “Nele também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo; tendo sido sepultados juntamente como Ele no Batismo, no qual igualmente fostes

ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos” (Colossenses 2.11-12).

Queremos discorrer, de modo breve, sobre a questão do batismo infantil e da questão da forma do batismo. Nos damos ao trabalho de preparar este estudo porque há os que não estão colocando tal ênfase sobre a validade do Batismo. Deslocando o centro de Cristo para um rito e causando confusão na mente e no coração de muitos que não têm acesso a fontes de estudo em questão. Acabam induzindo pessoas a se rebatizarem, o que consiste numa grande heresia, por negar a graça operante no primeiro batismo. Pensemos como Stanley Jones: “Nada é essencial senão Deus, e para encontrá-lo não carecemos de ritos nem cerimônias” (O Cristo de todos os Caminhos, p. 143).

A Igreja Metodista estabelece em seus documentos (Cânones) que “o Batismo é sinal visível da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual nos tornamos participantes da comunhão do Espírito Santo e herdeiros da vida eterna”. Também cremos que “o batismo é com água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, com aspersão (aplicação de água com a mão sobre a cabeça do batizando), derramamento (com ambas as mãos, derrama-se água sobre a cabeça do batizando, estando este, geralmente, com parte do corpo dentro da água) e imersão (o batizando é submergido na água). A Igreja Metodista, embora comumente pratica a aspersão, reconhece como igualmente válido o Batismo por derramamento ou por imersão”.

Cabe ressaltar que nós somos uma Igreja de Governo Episcopal, portanto, no que diz respeito a pastoral e doutrina, cabe aos Bispos orientar aos pastores para que estes orientem as igrejas. Esta carta visa atender esta responsabilidade.

Nova Visão Bíblica e Teológica

O uso do texto bíblico para comprovar uma ou outra tendência sobre temas conflitivos sobre o batismo é sempre perigoso.

Infelizmente usamos a Bíblia para brigar e não para promover a paz. No entanto, compete à comunidade metodista, povo de coração aquecido e mente esclarecida, avaliar com cuidado a sua vida de testemunho da fé em Jesus Cristo.

A seguir apresentamos algumas refutações às críticas que membros da Igreja Metodista vêm sofrendo por parte de cristãos de outras denominações. Por outro lado instamos a todos, líderes e membros em geral, a uma reflexão sobre sua prática individual e comunitária, agindo com sabedoria e não deixando-se conduzir por qualquer argumento em virtude de sua ingenuidade e falta de conhecimento.

Sobre a prática do Batismo na Bíblia

Consideremos o Batismo no quadro da prática na tradição do judaísmo. Cabe dizer que foi uma prática aplicada mais freqüentemente ao prosélito, ou seja, um pagão convertido ao judaísmo.

É sabido que o uso da água como ritual de purificação de pecado já era conhecido na própria tradição da Torah, conforme pode-se encontrar em Levíticos. Sobre o dia da expiação fala-se que o sacerdote, após realizar a expiação por si mesmo, pelo altar, pelo povo, deveria despir-se e banhar-se no lugar santo, só então oferecer o holocausto perante Deus, pois ele e o povo já fizeram seu sacrifício pelo pecado, e ele, ao banhar-se, estava simbolizando sua purificação e a do povo, podendo então oferecer o holocausto diante de Deus (Lv 16.15-28).

Mais tarde, durante o exílio babilônico, torna a aparecer o conceito de água e purificação. O profeta Ezequiel recorda a origem de Jerusalém, cidade de origem gentílica, e que ao nascer não foi lavada com água para a sua purificação (Ez 16.4). No capítulo

36, versículo 25, é usada então a aspersão com água para símbolo de restauração diante do pecado, indicando como ritual de passagem da vida no pecado e idolatria para uma vida com Deus. Neste quadro de Ezequiel é inclusivo o batismo de aspersão com água oferecido a todos: homens, mulheres e crianças. Em nenhuma hipótese é excluído qualquer membro da comunidade e isto era absolutamente impossível, já que numa família restaurada, purificada, não se admitiria um membro impuro, pelo risco de contaminar de novo a todos. As crianças passaram pelos rituais de consagração e purificação, a começar pela circuncisão.

No Antigo Testamento, a idéia de purificação foi sempre marcada por um banho. Assim, não é absurdo que mais tarde, já no período pós-exílico, quando se intensificou o movimento de proselitismo ente os judeus, fazia-se três exigências ao iniciado na fé judaica: a circuncisão; o banho ritual (batismo); a oferta de sacrifício. É interessante ver o que diz o Talmud (tratado teológico escrito pelos rabinos, principalmente explicando e regulamentando a Lei do Pentateuco): “Eles têm o costume de batizar esse prosélito na infância, baseando na profissão de fé da casa de julgamento, porque isso é para o seu bem”. Adiante, o Talmud orienta sobre a idade da criança a ser batizada: “qualquer filho de prosélito que tiver menos de doze anos e um dia de idade será batizado com a autorização do pai, ou sob a autoridade da sinagoga”.

O Batismo no judaísmo pós-exílico foi fundamental para as práticas cristãs em termos de influência. A prática de João Batista teve como base este período. Com João Batista (Mc 1.5) toda a província da Judéia e habitantes de Jerusalém saíam a ter com ele. A experiência do pecado e do sacrifício e perdão era algo comunitário, onde todos eram convidados a participar, inclusive famílias inteiras iam buscar reconciliação com Deus, sendo todos batizados, homens e mulheres.

No tempo das comunidades cristãs, vários textos mostram que os convertidos levavam sua família para ingressarem juntos na fé em Cristo. Vejamos alguns exemplos: em Atos 16.15, Lídia, ao se converter, foi batizada, ela e “toda a sua casa”; em Atos 16.33 o carcereiro se converte e o texto diz que foi ele “batizado e todos os seus”; na igreja em Corinto (1 Co 1.16) Estéfanos e sua casa foram batizadas por Paulo, assim como Crispo, o chefe da Sinagoga de Corinto, foi batizado com toda sua família (At 18.8).

Sobre o Batismo de Crianças

A Igreja Metodista, à semelhança das primeiras comunidades cristãs, batiza crianças.

Reconhecemos que as Igrejas evangélicas que praticam o Batismo Infantil, como nós metodistas, são em menor número, por isso reconhecemos que os membros de nossas igrejas recebem uma pressão muito grande, no sentido de não batizarem seus filhos, por parte de outros evangélicos com os quais convivem diariamente.

O argumento mais utilizado é que as crianças não podem exercer uma fé pessoal em Jesus Cristo, aceitando como Senhor e Salvador, e por isso não devem ser batizadas. O principal texto bíblico usado é o que diz: “O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado” (Mc 16.16). Se observamos o contexto desta passagem, considerando os versículos que antecedem e os que seguem, percebemos que Jesus está se referindo a adultos que ouvem, entendem e rejeitam o Evangelho. Este texto não deve ser aplicado à compreensão da prática do

batismo infantil, mas à incredulidade e dureza do coração dos adultos que ouviram os discípulos mas não creram.

Na Bíblia, encontramos no testemunho do Evangelho de Marcos, ou nos demais Evangelhos Sinóticos (Mateus e Lucas): “Então lhe trouxeram algumas crianças para que as tocasse, mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis porque dos tais é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele. Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (Mc 10.13-16).

Neste texto Jesus afirma que as crianças são membros do Reino de Deus e, além disto, padrão para ingresso no Reino de Deus. A criança já entrou na nossa frente no Reino, sobre este parâmetro foi que Jesus deu também um sentido e dimensão escatológicas à criança: “E qualquer que receber, em meu nome, uma criança tal como esta, a mim me recebe”.

Em face a esta evidência cabe a pergunta semelhante à que Pedro fez aos seus companheiros na casa de Cornélio: “Porventura pode alguém recusar a água, para que sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?” (Atos 10.47). Em cima da lógica de Pedro, ou seja, como negar o símbolo que é o batismo com água, àqueles a quem Deus já deu a essência que era o próprio Batismo com Espí-

rito Santo. Sobre isto nós perguntamos: como negar o Batismo às crianças quando Jesus, o Senhor da Igreja, declara que delas é o Reino, ora, não é o Batismo um ritual simbólico de iniciação na comunidade do Reino de Deus: a Igreja?

Sendo assim, que direito nós, os adultos, temos de impedir o acesso de uma criança ao Batismo, quando Jesus a declara como membro natural do Reino de Deus?

Sobre a forma do Batismo

“A Igreja Metodista reconhece como válido o batismo por asperção, por derramamento e por imersão, conforme as disposições canônicas. O pastor e a pastora metodista celebrará usualmente por aspersão o batismo conferido a crianças e a adultos.” (Ritual p 9)

Baseado no sentido da palavra grega “baptizo”, conforme o seu uso no grego clássico, que quer dizer “imersão”, ignorando o sentido que tinha no tempo de Jesus, os imersionistas buscam argumentos bíblicos para sustentar sua posição.

Argumentam que a narrativa do batismo de Jesus (Mt 3.16 e Mc 1.9-10), que diz “no rio Jordão” e “ao sair da água”, indica que o batismo foi imersão. Se admitirmos a veracidade desta interpretação poderíamos, usando esta forma de argumentar, deduzir que tanto o batizando como o oficiante deveriam, ambos, imergirem, tomando por base o relato do batismo do Eunuco por Felipe em Atos 8.38, pois o texto diz claramente que “ambos desceram às águas” e que “ambos saíram das águas”. Se isto quer dizer que o eunuco foi mergulhado, também Felipe mergulhou (ambos fizeram a mesma coisa!). E, coerentemente,

será necessário que cada vez que o oficiante celebrar um batismo, precisará também imergir, mergulhar. Mas não parece que o argumento “desceram” e “saíram” seja ponderável à favor da imersão.

A força deste argumento à favor da imersão como forma absoluta de batismo está na insistência no sentido do termo grego clássico. Mas aonde na Bíblia encontramos indício qualquer de que o uso do termo tenha o sentido clássico, e não um novo sentido? A insistência no sentido clássico é falha porque é amplamente conhecido o fato de que as palavras assumem diferentes sentidos conforme o uso e o contexto.

Assim, vemos que o uso judeu de “baptizo” tem um sentido diferente quando usado em Lc 11.37-39 que faz referência à lavagem cerimonial das mãos e dos pés. O mesmo pode-se dizer da narrativa de Mc 7. 1-7 com referência à lavagem de copos, jarros e vasos no versículo 4. Ora, lavar e mergulhar são coisas bem distintas.

Em 1Coríntios 10.2, Paulo descreve a passagem dos filhos de Israel pelo mar como sendo um batismo na nuvem e no mar. Mas, quando lemos a passagem em Êxodo 14. 19-29, deparamos com o fato de que eles não foram envolvidos pela nuvem, que “passou para trás deles” (versículo 19) e de pés “enxutos” (versículo 29). Assim, foram batizados passando pelo mar “de pé enxuto”. É evidente que o uso bíblico da palavra “baptizo” aqui não tem sentido de imergir. Aliás, os únicos que foram imersos foram

soldados do Faraó do Egito, que pereceram no mar.

Tememos por homens e mulheres que põe de lado a salvação gratuita que vem pela fé em Cristo e se voltam ao estilo dos fariseus para “batismo nas águas”. A ordem do Senhor Jesus é batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a forma física do rito (derramamento, imersão ou aspensão”) não foi descrita na ordem de Jesus.

Sendo o Batismo um símbolo de purificação do pecado, pelo sangue de Cristo, era muito simples para os judeus entenderem a prática da “aspensão no Batismo”, pois estavam acostumados à cerimônia de purificação pela aspensão de água (Jo 2.6). Assim como no dia de Pentecostes quando foram batizados em Jerusalém 3000 pessoas, numa região onde a água era escassa e proveniente de poços, com certeza estes foram batizados por aspensão ou ablução (ritual de purificação).

Quando, no século III alguém levantou a questão da validade do Batismo por aspensão, Cipriano, líder da Igreja cristã, na sua LXXV Epístola, declara que a ordenança administrada desta forma é perfeitamente válida e cita em sustento desta sua posição vários textos do Antigo Testamento que falam de ritos de purificação através da aspensão de água: Ez 36.25-26; Nm 8.5-7; Nm 19. 8,9,12,13. Assim argumenta Cipriano:

“Perguntais o que julgo daqueles que obtém a graça em tempo de enfermidade e fraqueza, se tais devem ser considerados como cristãos legítimos, pois não

foram completamente banhados com a água da salvação, mas só receberam uma pequena quantidade dela derramada sobre eles. Em tal assunto eu usaria tanta modéstia e humildade que não prescreveria positivamente, mas deixaria a cada um a liberdade de pensar e fazer o que achasse melhor. De acordo com o melhor da minha humilde capacidade, penso assim: que os favores divinos não são diminuídos ou enfraquecidos por terem tais doentes somente a afusão (ato de derramar um líquido) ou aspersão quando receberam a graça do Senhor, quando, como dizem as Escrituras Santas pelo profeta Ezequiel: 'então aspergirei água pura sobre vós e ficareis puros'. E não pensem tais, se recuperarem a saúde, que necessitam ser batizados de novo. Porque se lava a mancha do pecado, como se lava a mancha do corpo num banho físico, externo, com necessidade de nitro e um poço em que o corpo pode ser lavado ou purificado. O coração do crente lava-se de um modo muito diferente: de maneira mui semelhante a mente do homem é purificada do pecado pelo mérito da fé" (Relato de E. B. Fairfield em "Cartas sobre o Batismo", p. 91-92).

Assim, reafirmamos o que João Wesley diz sobre o assunto:

"... pela lavagem, imersão ou aspersão, porque a Escritura não determina qual destes meios devem ser usados, quer por preceito expresso, quer por um exemplo claro que o provê, quer ainda pela força ou pelo significado da palavra batizar..." (Coletânea da Teologia de João Wesley, p.273).

O Metodismo e sua Prática à Luz da Tradição da Reforma

Lutero apresentou sua doutrina dos sacramentos em diversos escritos, principalmente no chamado Cativoeiro Babilônico da Igreja e nos Catecismos Maior e Menor. Para ele o Batismo é o grande testemunho da Salvação pela Graça.

Com uma linguagem simples e didática Lutero recomenda que ao povo simples dever-se-ia ensinar que tanto a história quanto a experiência revelam que Deus aprova o batismo de criança já que o Espírito Santo não foi retido, a muito receberam o sacramento já na meninice. Aos doutos, segundo ele, é preciso esclarecer que não é a fé que confere eficácia ao ato batismal e sim a Palavra de Deus. Em outras palavras o batismo de crianças assenta-se exclusivamente na ordem de Deus. O reformador opõe-se aos entusiastas que condicionam a eficácia batismal à fé e argumenta: "... se eu não creio, segue-se que Cristo nada é...", neste sentido ele antepõe a própria fé, a

revelação de Deus em Cristo e a graça nele revelada, sem as quais não haveria no que se crer, e o batismo é um sinal visível da graça de Deus. Em suma, Lutero não somente incorpora a tradição cristã primitiva do batismo infantil, como critica os adversários do batismo de crianças.

João Wesley se inseriu na mesma tradição, para ele o batismo de criança está em perfeita concordância com o Novo Testamento. Aliás, ele acreditava que a palavra neo-testamentária “casa”, certamente incluía crianças pequenas, como também julgava difícil supor que “os judeus que estavam acostumados a circundar a seus filhos, não os dedicassem agora a Deus pelo batismo” (Notas sobre Atos 16.15). Wesley estava consciente de que é Deus quem inicia a obra de regeneração em nosso coração (primazia da graça), porém reconhecia que o seu propósito se cumpria plenamente quando lhe respondemos positivamente através do novo nascimento. Por isso, a Igreja Metodista, ancorada nesta tradição, reconhece a prática do batismo infantil como expressão de sua fidelidade a , que deseja que todos sejam salvos e o afirma categoricamente em seus documentos.

O Colégio Episcopal orienta a todos os pastores (as) e seus membros a darem a primazia. Essa graça é que confere mérito e dá autenticidade ao batismo e à vida cristã. "Pela graça sois salvos por meio da fé , isto não vem de vós é dom de Deus." Ef 2. 9 A própria fé é dom de Deus e neste sentido somos chamados a confiar não nas formas do batismo, mas no

mérito da Graça conferida por Cristo. A criança é batizada através de um ato de fé na graça divina e não acatamento dado por Jesus aos pequeninos. É claro que como testemunhos e responsáveis pela criança devemos cooperar com Deus para que a semente da graça inserida na criança possa produzir o seu fruto no momento em que através de uma experiência pessoal com Cristo através do ato da confirmação batismal através do testemunho do Espírito Santo como sinal de conversão plena e consciente ao Senhor da Graça.

Conclusão: A Responsabilidade dos Pais e da Igreja para com as Crianças

A Bíblia está semeada de textos que afirmam a responsabilidade dos pais e da sociedade em relação ao futuro das crianças, isto é evidente inclusive na nossa lei civil.

Cuidamos da saúde, educação, formação escolar, educação religiosa das crianças, por que não as levamos ao altar de Deus para um pacto como o Batismo? Assim faziam os judeus; não era membro do povo de Deus quem não trouxesse na carne o sinal da aliança, representado pela circuncisão. A apresentação da criança não substitui o batismo, pois não é pacto, não tem sinal da aliança com Deus.

O tema do batismo infantil traz diante de nós a questão que temos como desafio: dar prioridade e dignidade ao ministério com as nossas crianças, no sentido mais amplo do termo. Não apenas as crianças de nossas igrejas locais, mas as crianças de nosso

bairro, as crianças empobrecidas e as que cometem ato infracional.

Não devemos nos ater a discussões vazias sobre a espiritualidade e direito à vida em Cristo das crianças. O sentido de nossas reflexões devem ser orientadas para o princípio de que acreditamos que as crianças, como nós, são pessoas com sentimentos e raciocínio e que podem experimentar a vida cristã desde sua condição. Não devemos ser instrumento de impedimento das crianças de se acercarem a Jesus, ao contrário.

O espaço geográfico, a preparação de pessoas, a compra de materiais específicos e até momentos específicos para preparação de pais e padrinhos para o batismo são ausências freqüentes na vida de muitas de nossas igrejas hoje. Sabemos das dificuldades que algumas igrejas têm para implementar um programa específico direcionado às crianças, mas cremos que esta é uma prioridade e devemos usar de criatividade e boa vontade para alcançar um espaço de plena participação da criança na vida cúlta e no exercício de sua espiritualidade.

Nossas igrejas precisam ser um espaço onde as crianças possam ser acolhidas, com diferentes programas sem discriminá-las segundo sua condição social ou credo de fé. Nossas igrejas devem também reconhecer e apoiar programas de discussão e implementação do Estatuto do Adolescente, por ser o instrumento do exercício da cidadania de nossas crianças.

Deus nos ajude a refletir com sabedoria sobre estes temas e a exercer a fé na sua mais bela manifestação que é o amor e respeito entre os irmãos e irmãs. Saibamos reconhecer nas nossas práticas e rituais a beleza do símbolo, sem nos aprisionarmos em sentidos secundários.